

6 CONCLUSÃO

No momento impõe-se a interrupção de nosso esforço interpretativo sobre as trajetórias de Pablo Picasso e Marcel Duchamp, no qual a ligação entre corpo e processo de criação foi o principal agente. Jamais uma conclusão. Como no domínio amoroso do qual nunca saímos como entramos, o desfecho dessa leitura poética, nos impele a rememorar seus aspectos mais intensos e a destacar o quê de aberto ou obscuro ela deixa em seu rastro. Como se ainda pudéssemos ou devêssemos prolongá-la um pouco mais, essa conclusão é apenas um registro retrospectivo do viajante em busca de palavras.

Percebemos que nessa elaboração interpretativa das obras de Marcel Duchamp e Pablo Picasso logo se impôs um conceito de cultura como experiência vivida. A demanda reflexiva e sua historicidade partem, se perpetuam e vão se renovando a partir da dimensão estética. No entanto, essa autonomia presente nos trabalhos dos dois artistas só se atualiza nas significações que lhes emprestamos, uma vez que se apresentam incessantemente como “acontecimento” e como tradução.

Ao apontarem para as transformações do mundo produtivo que recolocam objetos e valores simbólicos do real como termos indiferenciados e sem âncora, Picasso e Duchamp nos mostram dois registros de corpo e de arte essenciais na história da cultura moderna. Assim, priorizar tais práticas produtivas, significou confrontar os impasses cruciais da modernidade.

Percebemos nos agenciamentos diversos da arte de Picasso e Duchamp uma dimensão de conflito bem como de encontro simbólico. Suas trajetórias convergem no ponto em que aceitam o desafio transferencial das trocas simbólicas como corpo e como desejo, isto é, na medida em que nele reconhecem a questão estrutural da arte moderna. A dimensão de conflito, ou melhor, de diferença, está, porém, no modo como elaboram esse “encontro” precário.

O lugar do corpo em Picasso sublinha o aspecto pulsional e passional dos processos de criação. Já Duchamp segue uma via em que pensamento e linguagem não abolem o corpo, mas o dissimulam. Com ele, o corpo se apresenta como

inapreensível poética e melancólica dispersão erótica. Duchamp propugna uma concepção de subjetividade e de desejo intervalar, a qual estrategicamente opta por não aderir, não se fixar. Paradoxal operação que é reveladora de uma profunda transformação na economia dos sentidos e dos signos.

Com Picasso, tem-se a impressão de que por trás de todas as movimentações da história, do corpo e da arte, existe uma outra cena. Móvel e inapreensível, em seu descentramento ela percorre o corpo e a ele volta inexoravelmente. Essa “cena outra” é história vivida que se carrega, mesmo se não for imediata e tiver infinitos níveis de complexidade. Sua noção de corpo, de história e de representação refere-se à formulação de sentidos que se inscrevem e se ampliam como memória e cognição que não se desprende nem de um “fazer” nem da idéia de homem como corpo no mundo. É inegável a importância dada por Picasso ao momento de adesão entre corpo e criação, entretanto, ele também propõe uma separação, como vimos em suas elaborações em torno de uma noção de cena e teatro e ainda em suas reflexões sobre o núcleo redutor e fenomenológico presente na linguagem da arte moderna.

Significativo não apenas em termos de apreensão poética, mas também histórico, a negação do corpo projetivo nos processos de criação de Marcel Duchamp não é sinônimo de um movimento de abolição do mesmo. De maneira oblíqua e ambígua, em Duchamp a dimensão corporal está sempre pressuposta. O lugar que ele nega ao corpo é exatamente aquele que produz a fetichização da linguagem como desdobramento do campo perceptivo, muito dirigido ainda, segundo o artista, por uma visão naturalista. É nesse sentido que Duchamp pretende cortar a identidade entre percepção e imaginação. E, embora estivesse referido a uma profunda transformação na economia dos signos e dos sentidos, a separação que propõe entre corpo e expressão não é apenas um indicativo, menos ainda uma denúncia, das transformações ocorridas no mundo produtivo moderno. Ele fundamentalmente não acredita numa co-naturalidade entre mundo “interior” da consciência e mundo “exterior”, mesmo porque sob seu ponto de vista ambos seriam elaboração e artifício humano.

Assim, ao sublinhar o desprendimento entre corpo e trabalho de criação, Duchamp não pretende anulá-lo como instância produtora de sentidos, mas sublinhar o caráter artificial da arte e, ao mesmo tempo, rejeitar qualquer determinação histórica de sentido da experiência. Para Duchamp, importa

salientar o espaço poético como lugar das mutações e operações que agem por meio de inumeráveis e inesgotáveis configurações. No entanto, como vimos, sua posição é intencionalmente ambígua. Ainda que extrapole o domínio da história da arte como herança, sobretudo visual, por meio de densidades sutis e referências variadas, uma noção de corpo sempre reaparece em Marcel Duchamp. Fato que, aliás, o justifica nessa pesquisa.

A rigor, não existe entre essas duas apreensões de diferenciadas de corpo uma que traduza de maneira mais ou menos exata e cabal uma atitude frente às dificuldades ou aporias da modernidade, pois ambas as refletem, e se infletem como fatos históricos.

Em Duchamp e Picasso se manifesta a verdadeira odisséia plástica referente ao deslocamento do lugar do desejo e da criação. Ambos demonstram que no domínio da arte o lugar da criação não se justifica apenas por seus conteúdos, informações, muito menos por quantidades de energia pulsional. Entretanto, se há um gesto, um “fazer”, ou ainda, se há escolha ou interferência, há um sujeito. Esse lugar de inscrição do sujeito na arte é circulante e evanescente: cheio e vazio, presente e fugidio, denso e não-substancial. Logo, trata-se de um corpo que se apresenta como unidade sempre diferenciada.

No percurso dessa pesquisa, as questões da reprodutibilidade e da redução vieram acentuar o caráter problemático e incerto do sujeito nos processos de criação da arte moderna. Por outro lado, talvez também sejam os pontos que melhor manifestem a separação e a aproximação das trajetórias de corpo e de arte de Duchamp à de Picasso. Aproximação que já de início é um paradoxo, pois enquanto o fundamento da experimentação científica está baseado na exigência de reprodutibilidade dos fenômenos em estudo, condição mesma para se alcançar uma validade universal, a criação artística apresenta-se como evento essencialmente não reproduzível.

A questão da reprodutibilidade se apresenta para a arte moderna como um contínuo redimensionar, “suspender” e “reduzir”. Essa ontologia não está desligada do mundo nem da história. Por essa razão, a idéia de reprodução aqui surge vinculada às novas organizações do trabalho, da vida e da linguagem.

Corpo vivo, mas inapreensível, o que cria divergência entre Picasso e Duchamp é questão de sintaxe, de código. Na poética de Marcel Duchamp o processo de redução flutua em meio às articulações da linguagem que parecem

descoladas do corpo como experiência sensual no mundo. A operação duchampiana consiste em revelar a identidade desenraizada do sujeito moderno, de maneira que esse desarraigamento paradoxalmente denote uma condição de liberdade.

Já Picasso exprime a emoção paroxística do artista em isolamento, frente a si mesmo e ao que existe de trágico na subjetividade e nos processos de criação modernos. Por outro lado, ao buscar a gênese e a expansão da forma, Picasso se desdobra e se desprende de seu trabalho. No entanto, esse “suicídio” simbólico do “vidente” que sai de cena para ver o que está em vias de acontecer, acaba por confirmar e potencializar a existência humana dentro do processo de criação, pois multiplica a presença do espectador e do autor na cena. Assim, como vimos, mesmo as repetições e variações de Picasso apresentam uma feição redutora muito diferente da que se faz presente em Duchamp.

No trabalho de Picasso, o homem ainda conquista sua originalidade a partir do próprio movimento que o inscreve na natureza e no mundo. Nesse contexto, a história da arte como construção do real se revela decisiva. Ação de conhecimento e acontecimento corporal, a arte é simultaneamente percepção e linguagem.

Com Picasso, a repetição se mostra como movimento que curiosamente marca a diferença. O olhar é o olhar que nosso corpo — autor e espectador — ocupa, espaço em que encontra e se desencontra. Em seu processo de redução, a visão é conduzida à sua própria instabilidade. Por outro lado, é redutora porque enquanto forma da memória, ela surge somente através de um apagamento ou suspensão daquilo que lhe era anterior. Assim, Picasso dirige a irredutibilidade dos processos de criação às imagens. Em seu modo de atuar, repetição e corpo se apresentam como paradoxos da expressão.

De modo sagaz e irônico, Duchamp trabalha com a idéia de repetição de maneira indeterminada. Com ele, a repetição se aproxima da falsificação. Ao dialogar com as transformações no mundo da produção industrial moderna, ao contrário de Picasso, Duchamp sublinha os deslocamentos e as trocas nos processos de criação sem, contudo, enaltecer o lugar do corpo e do indivíduo que cria. Assim, os objetos são pontos de apoio e suas “figuras” só tomam forma e evidência quando seus substitutos tomam lugar.

O movimento redutor de Duchamp, ou *infra-mince*, revela a existência de um branco, de uma heterogeneidade absoluta entre a visada consciente do sujeito

e a realização vivida dessa imagem. Duchamp mostra que estamos à beira do abismo. Enquanto afirma que o ser da linguagem só aparece para ela mesma com o desaparecimento do tema, da idéia de autor e de homem fabricante de objetos e realidades, assinala as direções erráticas do desejo na modernidade: livre do corpo e da história que se carrega, o artista mostra um indivíduo preso a um processo sem fim de representações.

Outra problemática que permeia o trabalho de Marcel Duchamp é o processo de objetivação do cotidiano: a perda de escala, do sentido do imediato e das referências dos indivíduos. O processo de repetição em Marcel Duchamp assinala os limites da idéia de totalidade na modernidade. Seus atos manifestam um movimento cuja diferenciação se faz internamente, nos próprios termos da língua e em meio aos processos. Trata-se de uma repetição que exige uma autonomia que denega qualquer fixidez. Assim, como ambigüidade e estratégia de liberdade, o movimento de redução exhibe também um diferenciar que já é inapreensibilidade e densidade poética. Nele, diversamente do que ocorre em Picasso, nenhuma variação implica em posse. Entretanto, o valor da marca pessoal, como vimos, ainda se faz presente: através de sua assinatura ou no momento que fabrica manualmente objetos, fazendo-nos crer, contraditoriamente, não estar fisicamente presente no processo produtivo. Mas realmente já não se trata de uma projeção de corpo nos processos de criação.

Supondo que no ponto de encontro entre espectador e obra há implicitamente uma violência, posto que exige do espectador/autor um desdobrar e um existir “de outra maneira”, como vimos ao longo da tese em Picasso e Duchamp, temos que admitir que nos dias atuais um outro tipo de violência. Esta é induzida e ao mesmo tempo neutra: na sociedade do espetáculo, o lugar do espectador não é problematizado já que lida com falsas alteridades.

É evidente que os procedimentos de repetição e reprodução em arte não são de hoje. Mas, falando em neutralidade e espetáculo, somente no século XX a reprodutibilidade passou a ser não só um procedimento como também uma finalidade ou tema, como vemos em Andy Warhol.

Nos anos sessenta, a arte vai buscar colocar o corpo como derradeiro refúgio da autenticidade. Mas, recentemente, essa idéia parece ter sido substituída pela idéia do corpo como suporte privilegiado do falso e do artifício, predominante numa sociedade governada pela informática, pela genética e pela indústria das

imagens. Nesta nova “economia” de sentidos, os indivíduos já não interagem entre si pela troca de matéria e energia, mas, sobretudo pelo intercâmbio neutro de signos. Fim dos espelhos e dos processos identificatórios que tinham de atravessar diferenças colossais, a linguagem já não é mais um convite para se experienciar a vida em toda sua complexidade.

Assim, acompanhar a construção e representação de corpo nos processos de criação de Pablo Picasso e de Marcel Duchamp significa a oportunidade renovada de ainda estarmos diante das questões, talvez as mais cruciais, da história da arte e da cultura moderna. Com Picasso e Duchamp, nos vemos repetidamente diante das indagações, as mais relevantes, relacionadas à intencionalidade e às possibilidades de desdobramento do corpo e do erotismo nos processos de criação, bem como em nossas formas modernas de viver.